

Resenha do livro Teatro e Tradução

Resenha do livro: LAERA, Margherita. Teatro e tradução. Tradução de Ana Carolina Olivera Freitag, Gisele Eberspacher, Juliana Fogiato Rodrigues, Karen Silva, Laísa Viegas e Ruth Bohunovsky. Prefácio de Alinne Balduino P. Fernandes e Caridad Svich. São Paulo: Temporal, 2025.

Kaio Gabriel Roberto Ramos¹

Tiago Marques Luiz²

A obra Teatro e tradução, de Margherita Laera, surge como um marco fundamental no estudo das interseções entre as artes cênicas e os estudos da tradução, oferecendo uma análise densa e provocadora sobre a natureza ética e política da representação cultural. Publicado pela editora Temporal em sua edição brasileira em 2025, o livro se beneficia de uma tradução colaborativa de um grupo experiente de profissionais, que não apenas verteu o texto para o português, mas também o enriqueceu com prefácios e notas contextuais, solidificando seu impacto no cenário acadêmico lusófono. Laera, imbuída de sua perspectiva como imigrante italiana no Reino Unido e como estudiosa feminista, desafia concepções tradicionais, defendendo que traduzir não é apenas transferir significados, mas também criar novos. Essa premissa estabelece o tom de uma investigação que transcende a instrumentalidade da tradução para posicioná-la como um ato intrínseco à representação do “outro”, compartilhando com o teatro questões éticas e estéticas “fundamentais que estão no cerne de nossas sociedades multiculturais” (Laera, 2025, quarta capa). A obra, assim, não se limita a um panorama teórico, mas se constitui como um convite à ação, um “chamado para repensar o papel do tradutor e das práticas teatrais

¹ Possui graduação em Artes Cênicas (2024) pela Universidade Federal da Grande Dourados. Atualmente é graduando em Letras Português/Literatura na Universidade Federal da Grande Dourados. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-5406-0531> Email: ramoskaio001@gmail.com

² Possui graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal da Grande Dourados (2009), especialização em Tradução de Inglês pela Universidade Gama Filho (2011), Mestrado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013) e Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (2019). Atualmente é professor adjunto A-1 na Universidade Federal da Grande Dourados. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4462-3050> Email: markx2006@gmail.com

como agentes de transformação cultural e social e de construção de diálogos e experiências interculturais” (Laera, 2025, quarta capa).

O prefácio à edição brasileira, assinado por Alinne Balduino P. Fernandes, contextualiza a relevância do livro ao advogar por uma “prática ética e holística” da tradução para o teatro (Fernandes, 2025, p. 7). Fernandes aponta para uma “virada nas discussões acadêmicas” ocorrida a partir dos anos 1990, impulsionada por obras como *Stages of Translation*, organizado por David Johnston (1996), que deslocou o foco de uma preocupação meramente linguística para a consideração dos aspectos artísticos da encenação (Fernandes, 2025, p. 8). A discussão sobre a “assimetria” da tradução de teatro, proposta por Carole-Anne Upton e Terry Hale (2000), e exemplificada por casos como a domesticação radical em *Blasted* de Sarah Kane e a estrangeirização excessiva em *The Mai* de Marina Carr, ilustra a complexidade de se recriar uma peça, defendendo o tradutor como “potencialmente o mais especializado nas questões culturais presentes no texto e seria, portanto, um dos guardiões éticos no processo de transferência cultural” (Fernandes, 2025, p. 13). George Steiner (1998), com seu “movimento hermenêutico” – confiança, agressão, incorporação e restauração do equilíbrio – oferece um quadro teórico para entender o processo transformador da tradução, que, para Fernandes, resulta na “sobrevida” do texto, conforme a perspectiva de Walter Benjamin (2009) (Fernandes, 2025, p. 15-19). O prefácio de Caridad Svich, por sua vez, ressalta a metáfora do “mundo é um lenço” para sublinhar a interconectividade global e a centralidade da tradução como um “instrumento artístico importante de empatia” em um contexto geopolítico de ascensão de nacionalismos e xenofobia (Svich, 2025, p. 24). Sem a tradução, argumenta Svich, “existiria pouquíssima compreensão entre culturas”, e o livro de Laera “ilumina tópicos que fazem o teatro e a tradução vitais para o trabalho cultural de sociedades progressistas” (Svich, 2025, p. 24).

A Introdução da própria Margherita Laera serve como um portal para a complexidade da obra, ancorando a discussão em sua experiência pessoal ao assistir à performance *This is not for you* em Londres. A performance, que abordou as experiências de veteranos de guerra e a questão da representação, provoca a autora a refletir sobre o significado de “falar por/para/em nome de” (Laera, 2025, p. 31). Laera problematiza o caráter excludente do teatro tradicional e destaca a chamada “estética do acesso” desenvolvida pela companhia Graeae, que adota o bilinguismo (inglês e Língua de Sinais Britânica), além de outras estratégias tradutórias, como forma de ampliar o acesso e incluir públicos historicamente marginalizados (Laera, 2025, p. 34). A autora

articula, assim, a tensão entre a representação do outro e o risco de apropriação discursiva, recorrendo às reflexões de Linda Martín Alcoff. Para Alcoff, falar apenas a partir de si mesma ignora o fato de que os sujeitos são constituídos por histórias e relações com outras pessoas; contudo, ela ressalta que aqueles que ocupam posições de privilégio devem buscar falar junto com, e não apenas por ou para, os menos privilegiados (Alcoff apud Laera, 2025, p. 36). A transparência da autora sobre sua própria posição – mulher europeia branca, de classe média, funcionária de uma universidade britânica e, também, migrante italiana e cidadã da União Europeia em um Reino Unido pós-Brexit – é crucial para a integridade de sua análise, pois reconhece que seus argumentos na elaboração do livro são “inevitavelmente orientados pela minha posição privilegiada” (Laera, 2025, p. 36).

No primeiro capítulo, intitulado “O quê? Definições para a tradução”, Laera percorre os “labirintos etimológicos” dos termos teatro e tradução com o objetivo de evidenciar os vieses culturais que sustentam determinadas concepções ocidentais dessas práticas. Ao retomar a origem grega da palavra theatron, entendida como “lugar de onde se vê/olha”, a autora observa que a tradição teatral ocidental foi historicamente marcada pela primazia da visão, o que permite problematizar, inclusive, os modos de acesso de pessoas cegas ou com deficiência visual à experiência teatral (Laera, 2025, p. 39). De modo semelhante, ao discutir a etimologia latina de translatio, associada à ideia de “levar de um lado para o outro”, Laera demonstra como essa origem contribuiu para consolidar a noção de que traduzir corresponderia ao transporte de um significado estável e imutável de uma língua para outra (Laera, 2025, p. 40). A partir dessa discussão, a autora questiona a “ilusão da equivalência”, mostrando que mesmo uma frase aparentemente simples, como “Would you like a cup of tea?”, envolve camadas históricas, afetivas e culturais que impedem qualquer correspondência exata ou transparente entre línguas (Laera, 2025, p. 44). No contexto britânico, por exemplo, o chá pode funcionar como uma espécie de “mitologia” barthesiana, associada ao conforto e ao cuidado, enquanto em outras culturas pode remeter à doença, ao luxo colonial ou a práticas sociais distintas (Laera, 2025, p. 44). A instabilidade do significado também se evidencia em expressões aparentemente técnicas e referenciais, como carbon dioxide, pois, para Laera, o sentido de uma palavra “nunca se reduz a seu referente”, mas resulta da soma de seus usos, associações e contextos possíveis de circulação (Laera, 2025, p. 45). Dessa forma, a autora conclui que a tradução não deve ser compreendida como impossibilidade, mas como prática que precisa ser “reformulada e reinventada”, deixando

de ser concebida como realocação de conteúdos invariáveis para ser entendida como criação de possibilidades interpretativas diante de significados em constante transformação (Laera, 2025, p. 46). A tese de Roland Barthes (1977) sobre a morte do autor e o nascimento do leitor é empregada para argumentar que o texto original é poroso e aberto à interpretação, tornando a tradução mais uma interpretação de uma entidade intrinsecamente instável (Laera, 2025, p. 47). Desse modo, a tradução não pode ser compreendida como um resultado fixo ou definitivo, mas como uma interpretação entre muitas possíveis de uma entidade instável, que se transforma conforme o tempo, o contexto cultural e o ponto de vista a partir do qual é mobilizada (Laera, 2025, p. 47). A relação entre tradução e performance é central, sendo a tradutora comparada a uma encenadora, responsável por criar uma representação do texto de partida (Laera, 2025, p. 48).

O segundo capítulo, “Como? Práticas e Políticas da Tradução”, aprofunda-se nas dinâmicas de poder que permeiam a tradução, que pode ser uma “força de opressão, colonização e pilhagem” (Laera, 2025, p. 69). Laera discute como o imperialismo ocidental e o domínio do inglês como “língua franca” perpetuam desigualdades na circulação de obras literárias e teatrais, ilustrando com o exemplo do projeto de intercâmbio cultural da Royal Shakespeare Company (RSC) com a China (Laera, 2025, p. 69-70). Apesar dos financiamentos milionários e da retórica de Era de Ouro inglesa, o projeto da RSC, ao dar a Shakespeare um “status de ícone cultural” enquanto os clássicos chineses permanecem “sem identificação”, revela a manutenção de um poder brando por parte do Reino Unido (Laera, 2025, p. 71). A autora detalha o processo colaborativo complexo de tradução da RSC, que envolve várias etapas e agentes – tradutor principal, encenadora britânica, encenadora chinesa, dramaturgista e revisora – para criar versões “teatralmente viáveis” das peças (Laera, 2025, p. 72). A crítica ao conceito de “performabilidade” – compreendido não como uma qualidade neutra do texto, mas como uma expectativa estética e cultural sobre aquilo que pode ou deve funcionar em cena – é um ponto crucial, pois Laera o considera um instrumento ideológico que, ao buscar uma “linguagem elevada” e “consonante à produção que foi idealizada”, pode suprimir as diferenças e “erradicar de maneira indiscriminada a alteridade no texto de chegada” (Laera, 2025, p. 75-77). Exemplos como as encenações de *Oedipus der Tyrann* de Castellucci e *Oedipus Rex* de Wilson, que intencionalmente utilizaram traduções “não encenáveis” ou “literárias e antiquadas” para criar um efeito de estranhamento, corroboram a tese de Laera de que a performabilidade é uma questão de preferência estética e

cultural, não uma verdade universal (Laera, 2025, p. 76). Em oposição à “invisibilidade do tradutor” e à “fluência” defendidas pela ideologia do simpático, Laera menciona a “estrangeirização” de Lawrence Venuti como uma ética que “busca respeitar a alteridade cultural ‘de forma indireta ao questionar e desequilibrar a hierarquia de valores culturais no contexto de recepção do texto’” (Venuti apud Laera, 2025, p. 79). A estrangeirização, ao invés de simplesmente abandonar a fluência, a reinventa para “criar novas condições de legibilidade” e desafiar cânones literários dominantes, como exemplificado por I. U. Tarchetti na tradução de Mary Shelley (Laera, 2025, p. 81).

A autora, então, adota a metáfora da “hospitalidade recíproca”, inspirada em Jacques Derrida, para pensar o encontro cultural no teatro. Derrida descreve a hospitalidade como uma aporia, uma “hospitalidade incondicional” que, paradoxalmente, requer posse e controle, ou pode se transformar em um ambiente inóspito (Derrida apud Laera, 2025, p. 88). Nessa mesma direção, Laera mobiliza o conceito de “crioulização”, oriundo dos estudos culturais caribenhos, para pensar os encontros interculturais não como assimilação de uma cultura por outra, mas como negociação, mistura, conflito e transformação recíproca. A autora associa a formulação inicial do conceito a Kamau Brathwaite e relaciona seus desdobramentos contemporâneos ao movimento da Créolité, vinculado a autores martinicanos como Édouard Glissant, entre outros (Laera, 2025, p. 91-94). Para Brathwaite (1971), a crioulização permite compreender a formação histórica, social e cultural das sociedades caribenhas a partir dos processos coloniais, escravistas e transculturais. Em Glissant (1997), por sua vez, a noção se articula à poética da Relação, isto é, a uma concepção de identidade fundada no contato, na opacidade, na diferença e na recusa das ideias de pureza cultural. Assim, ao retomar esse repertório, Laera propõe a crioulização como um “modelo decolonial para encontros culturais”, capaz de deslocar a tradução teatral de uma lógica assimiladora para uma ética da diferença e da reciprocidade (Laera, 2025, p. 94).

O projeto *Translating Theatre*, coordenado pela própria Laera, investigou como “formas e práticas não convencionais de performance podem ser empregadas para reconfigurar diferenças linguísticas e culturais na encenação de traduções” (Laera, 2025, p. 94). A escassez de peças estrangeiras no repertório britânico, contrastada com a alta porcentagem de residentes estrangeiros, é apontada como uma questão de “justiça social” (Laera, 2025, p. 96). O experimento de *casting* não tradicional em Gliwice Hamlet, utilizando atores negros para interpretar personagens poloneses, provocou perplexidade na plateia, mas demonstrou o

potencial de desafiar estereótipos e promover a visibilidade de grupos marginalizados (Laera, 2025, p. 99-100).

Finalmente, no terceiro capítulo, “Por quê? A favor de mais traduções”, Laera condensa seus argumentos em três eixos centrais: a necessidade de expor o público teatral às histórias de outras pessoas; a urgência de proporcionar voz e espaço a sujeitos raramente vistos e ouvidos no teatro; e a importância de tornar a experiência teatral acessível a quem, historicamente, tem pouco acesso a ela (Laera, 2025, p. 102). Para a autora, a ausência de traduções nos repertórios teatrais alimenta uma concepção “insular e autárquica de identidade”, como se não fosse necessário ultrapassar os limites da própria língua para conhecer o mundo (Laera, 2025, p. 102). Em contraposição a essa lógica, Laera argumenta que o contato com histórias alheias é fundamental para fomentar a empatia, desafiar essencialismos e relativizar crenças naturalizadas, funcionando como um “exercício mental para um mundo mais igualitário, diverso e inclusivo” (Laera, 2025, p. 103). Nesse sentido, “contar as histórias dos outros” constitui a tarefa cotidiana de tradutoras e encenadoras, desde que essa prática seja realizada de modo consciente, crítico e atento aos riscos de apropriação, apagamento e transparência ilusória (Laera, 2025, p. 103-104).

Ao tratar da visibilidade e da audibilidade de grupos marginalizados, Laera recorre a Rustom Bharucha (2000), teórico indiano dos estudos do teatro e da performance, cuja crítica ao interculturalismo questiona práticas que, sob o pretexto da troca cultural, acabam por saquear, selecionar ou exotizar elementos das culturas alheias. A partir de Bharucha (2000), a autora observa que pode ser ilógico e até nocivo buscar a “novidade” no exterior quando já há, no próprio contexto de chegada, uma ampla heterogeneidade linguística, social e étnica invisibilizada (Bharucha, 2000 apud Laera, 2025, p. 105). Por isso, seu argumento reforça a necessidade de traduzir línguas e culturas migrantes ou autóctones presentes na sociedade receptora, mas raramente vistas ou ouvidas no teatro (Laera, 2025, p. 105). O exemplo do teatro latino nos Estados Unidos, mencionado por Laera, explicita esse problema: embora migrantes hispanofalantes representem parcela expressiva da população, suas dramaturgias continuam submetidas a mecanismos de outremização e exotização no circuito teatral dominante (Laera, 2025, p. 105).

Teatro e tradução é uma obra de fôlego que se posiciona com ousadia na vanguarda dos estudos contemporâneos de teatro e tradução. A fluidez com que Margherita Laera transita por um vasto leque de teorias – da etimologia à filosofia pós-colonial, da teoria feminista à crítica da

“performabilidade” – aliada à sua capacidade de fundamentar argumentos complexos em exemplos práticos e experiências pessoais, confere ao livro uma autoridade e uma relevância consideráveis. A edição brasileira, particularmente enriquecedora com seus adendos contextuais e o processo de tradução colaborativa, espelha a própria tese do livro sobre a importância do diálogo e da cocriação. A obra de Laera não é apenas um estudo, mas um manifesto; um convite à comunidade teatral e aos estudos da tradução para que abracem a complexidade, a ética e o potencial transformador da representação do outro, transformando o palco em um espaço de verdadeira hospitalidade e de contínua reinvenção cultural. Sua leitura é indispensável para todos que buscam compreender e atuar nas encruzilhadas culturais e linguísticas do nosso tempo.

Referências:

BARTHES, Roland. The death of the author. In: BARTHES, Roland. *Image Music Text*. Tradução para o inglês Stephen Heath. Londres: Fontana Press, 1977, p. 142-148.

BHARUCHA, Rustom. *The Politics of Cultural Practice: Thinking Through Theatre in an Age of Globalization*. London: Athlone, 2000.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

BRAITHWAITE, Kamau. *The development of Creole society in Jamaica, 1770-1820*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

FERNANDES, Alinne Balduino P. Prefácio à edição brasileira: Afinal, o que envolve a tradução de teatro? Por uma prática ética e holística. In: LAERA, Margherita. *Teatro e tradução*. Tradução de Ana Carolina Olivera Freitag, Gisele Eberspacher, Juliana Fogiato Rodrigues, Karen Silva, Laís Viegas e Ruth Bohunovsky. Prefácio de Alinne Balduino P. Fernandes e Caridad Svich. São Paulo: Temporal, 2025, p. 23.

GLISSANT, Édouard. *Poetics of relation*. Translated by Betsy Wing. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.

JOHNSTON, David (ed.). *Stages of translation: essays and interviews on translation for the stage*. Bath: Absolute Classics, 1996.

LAERA, Margherita. *Teatro e tradução*. Tradução de Ana Carolina Olivera Freitag, Gisele Eberspacher, Juliana Fogiato Rodrigues, Karen Silva, Laís Viegas e Ruth Bohunovsky. Prefácio de Alinne Balduino P. Fernandes e Caridad Svich. São Paulo: Temporal, 2025.

STEINER, George. *After Babel: aspects of language and translation*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

UPTON, Carole-Anne; HALE, Terry. Introduction. In: UPTON, Carole-Anne (org.). Moving target: theatre translation and cultural relocation. Manchester: St. Jerome Publishing, 2000, p. 1-13.